

## OPINIÃO

A COR DO  
DINHEIRO

**CAMILO LOURENÇO**  
Analista de economia  
camilolourenco@gmail.com

## Vergonha alheia nos impostos

O governo incluiu no orçamento do Estado para 2022 o englobamento da tributação das mais-valias mobiliárias de curto prazo. Isto é, junta-se às mais-valias a outros rendimentos (vg trabalho) e aplica-se uma taxa global... em vez de os contribuintes poderem optar por aplicar a taxa liberatória (23%).

A proposta de orçamento prevê que o Fisco venha a arrecadar uns míseros 10 milhões de euros de receita, comparados com os 21 mil milhões de euros que prevê cobrar com impostos diretos.

Se o englobamento das mais-valias pesa tão pouco na receita, o que leva o governo a tomar esta decisão? O Secretário de Estado

dos Impostos diz a este jornal que é "o englobamento é algo positivo (...); todos concordam com a ideia de que os rendimentos passivos não devem ter um nível de tributação mais baixo do que os rendimentos do trabalho, que tem um grau de penosidade ou de sacrifício maior".

Isto é uma falsidade de que trataremos noutra artigo. Fiquemos, hoje, pelo qualificativo de "algo positivo". É tão positivo que membros do governo andam a falar, em privado, com operadores do mercado de capitais pedindo desculpa pela medida. A justificação corrente é que tiveram de "ceder à esquerda" (PCP e Bloco) para ter orçamen-

to. E vão mais longe; prometem tomar medidas para minimizar o impacto desta alteração.

A falta de vergonha não fica por aqui. Mendonça Mendes diz, taxativamente, que o englobamento destes rendimentos "não prejudica o mercado de capitais, antes pelo contrário".

Outra mentira: o mercado português, com cada vez menos empresas cotadas e déficit de liquidez, vai ser afetado pelo afastamento dos investidores. Além de que, se fosse assim, não se percebe muito bem a razão dos telefonemas privados a pedir "desculpa" pela medida. Vergonha alheia. ■

ACADEMIA E  
REALIDADE

**PEDRO BRINCA**  
Professor Auxiliar da Nova  
School of Business and  
Economics

## A revolução da credibilidade

Mais do que uma carreira, aquilo que o prémio Nobel da Economia reconhece tipicamente é o impacto. Este ano não é exceção, mesmo se as carreiras dos economistas laureados – Guido Imbens, Joshua Angrist e David Card – facilmente mereciam igual distinção. Mas aquilo que foi realmente premiado foi o impacto da chamada "revolução de credibilidade" nos anos 90, a partir da qual nenhuma conferência onde se discuta trabalho empírico foi a mesma. Tudo isto gira à volta de estabelecer relações causais entre variáveis económicas: emigração e salários ou emprego; educação e rendimento; lei do aborto, aprovada 20 anos antes, e queda generalizada da criminalidade nos EUA nos anos 80. A imaginação passou a ser o limite e eu próprio senti o poder de atração desta revolução durante o meu doutoramento, onde a ênfase está muito mais na criatividade do que na sofisticação da análise.

A ênfase na criatividade resulta de os objetos de estudo da economia serem pessoas e não ratos de laboratório, não podendo ser sujeitas às experiências feitas em disciplinas como

a biologia ou a química. Os obstáculos éticos são muito mais prementes porque a economia é uma ciência que estuda comportamentos humanos e não uma qualquer reação química. Para inferir uma relação causal entre duas variáveis, os economistas têm de ser criativos, feitos detetives à procura dos dados observacionais, estruturas e eventos que lhes permitam imitar a análise feita com dados experimentais.

O estudo do impacto da migração nos salários da população local é um exemplo clássico. Se olharmos para a relação estatística entre os salários dos residentes em determinada cidade e o número de imigrantes, podemos chegar à conclusão de que a mesma é positiva, não porque os imigrantes aumentem por si só os salários, mas porque ambas as variáveis estão a responder a condições económicas favoráveis. Temos um problema dito de identificação: como identificar a variação nos salários dos residentes naquela cidade que foi fruto do aumento do número de imigrantes.

O que David Card fez foi aproveitar um evento político do

fim dos anos 70, quando Jimmy Carter e Fidel Castro tiveram uma série de iniciativas com vista a diminuir as tensões políticas entre os dois países. Em abril de 1980, Fidel Castro anunciou que qualquer pessoa que quisesse deixar Cuba com rumo aos Estados Unidos podia fazê-lo a partir do porto de Mariel. Esta declaração provocou um movimento de migração maciça de cerca de 125 mil cubanos num período de apenas 6 meses. David Card viu aqui uma oportunidade de evitar o problema anterior. Tinha um aumento do número de imigrantes por razões

que era razoável assumir que fossem independentes de outros fatores que estivessem também a determinar os salários dos nacionais – a hipótese de identificação.

Este exemplo ilustra o que passou a ser o paradigma de todas as discussões académicas sobre trabalho empírico – a razoabilidade da hipótese de identificação. Usei aqui um exemplo do trabalho de David Card, mas podia ter usado igualmente um estudo de Joshua Angrist sobre o impacto da escolaridade obrigatória nos salários. Imbens teve contribuições mais técnicas, mas sempre no sentido de contribuir para que a "revolução da credibilidade" tenha vindo para ficar e por cá continue – o impacto que o comité Nobel este ano decidiu reconhecer. Em 1983, Edward Leamer, professor de Economia da UCLA escreveu que "difícilmente alguém leva a sério a análise de dados". Só foram precisos 10 anos para que dificilmente se encontrasse alguém que levasse a sério essa afirmação. ■

Mais do que uma carreira, aquilo que o prémio Nobel da Economia reconhece tipicamente é o impacto.

Coluna mensal à terça-feira

Os economistas têm de ser criativos, feitos detetives à procura dos dados observacionais, estruturas e eventos que lhes permitam imitar a análise feita com dados experimentais.